

Geografia do turismo

– linhas de enquadramento e tendências de evolução

Luís Martins
Porto – FLUP. Fevereiro de 2016

1. Turismo global

A formação, a cultura e o enriquecimento, tem constituído as grandes molas impulsionadoras do turismo. O turismo, por seu lado, tem evoluído predominantemente no sentido da massificação, enquanto os turistas atingem os mais recônditos lugares do globo. As consequências identificáveis são muito diversas, desde processos de desenvolvimento consequentes a preocupantes actos de delapidação dos recursos, sendo certo que nos lugares onde o turismo está implantado, as iniciativas visam a manutenção ou o crescimento. Entretanto, os lugares onde ainda não chegou poderão ser surpreendidos a qualquer momento por um turista mais afoito, o “Senhor O. R.” evocado por Fernandez Fuster¹ (Fuster, 1975, p.114) quando trata o nascimento e o desenvolvimento dos lugares de turismo.

Desde o século XIX o turismo constitui uma referencia na promoção e no progresso da maioria dos países do mundo. A partir dos anos cinquenta do século XX passou a constituir uma alavanca essencial e incontornável ao processo de desenvolvimento tanto dos países (e regiões) mais evoluídos e com maior capacidade económica como daqueles de economia e indicadores de desenvolvimento mais débeis. O turismo é unanimemente uma referência ao desenvolvimento e, por isso mesmo, uma das dimensões basilares da qualidade de vida das populações.

¹ Fuster refere-se a «una antigua película belga...» chamada «Las maletas del Señor O.R.». Trata-se de uma comédia alemã de 1931 passada em “Ostend” cujo enredo se desenvolve à volta de um conjunto de malas luxuosas que chegam a um pequeno hotel de uma povoação de pescadores e das enormes expectativas criadas com as malas que ostentavam as iniciais “OF”. url: <http://www.filmportal.de/film/die-koffer-des-herrn-o-f>.

Fará sentido conceber na atual conjuntura mundial, nas dimensões ambiental, social, cultural, política ou económica, um mundo sem uma forte dimensão do turismo? Nas dimensões tanto profissional, com a formação e o emprego, como de lazer, ou seja na utilização de atividades de turismo, torna-se evidente de múltiplas formas a importância que o turismo passou a desempenhar em especial nas últimas décadas.

1.1. A relação entre a Geografia e o Turismo

O turismo mantém uma forte e insubstituível relação com o território. Numa perspectiva simplificada incluem-se as áreas emissoras, numa linguagem de cariz económico designadas com grande frequência por mercados emissores, e as áreas turísticas ou os destinos turísticos. Incluem-se ainda, com significativa importância, os percursos seguidos pelos turistas. Apesar de muitas das atividades de turismo descolarem hoje deste “determinismo” territorial, facto evidente e incontornável até pelo crescimento brutal da dimensão virtual das atividades turísticas, o turismo implica por definição o movimento de turistas.

Em estreita relação com as deslocações para destinos turísticos afirmaram-se desde o século XIX quatro grandes vertentes de atividade que, entre as áreas emissoras e os destinos turísticos, asseguram o essencial da atividade turística: a organização, o alojamento, a alimentação e a animação. Estes conjuntos de atividades mantêm uma grande permanência desde o arranque do turismo, constituindo serviços que apesar das transformações ocorridas e da enorme segmentação e especialização a que se tem assistido, asseguram o essencial das atividades relacionadas com o turismo.

Desde a fase de maior expansão a partir dos anos oitenta do século XX, o turismo passou a ser encarado nos países e nas regiões de destino como instrumental ao processo de desenvolvimento dos territórios. Bem aceite pelas populações, pelos decisores, políticos e empresariais, e pelos técnicos, o turismo foi eleito nas áreas de destino como alavanca essencial à instigação de novas dinâmicas de progresso.

As atitudes e as preocupações que emolduram o turismo evidenciam significativas consequências no domínio da investigação, logo e consequentemente com relevância teórica, corresponderam à transferência de estudos agora para perspectivas mais focadas nas áreas de destino e na importância da adequação dos destinos à entrada de visitantes. A incidência destes estudos nos territórios de destino, na inventariação, no conhecimento aprofundado e na difusão de informação sobre o património natural e humano, permitiu alargar a domínios científicos mais diversificados os estudos que tem sido levados a cabo.

1.2. A projeção do turismo no território

Desde as últimas décadas do século XX, o turismo tem desencadeado expectativas, atitudes e iniciativas que contribuem para explicar padrões de comportamento das populações tanto dos países desenvolvidos como daqueles em desenvolvimento, projetando consequências muito evidentes na organização do território. Acresce que as consequências no território apresentam variações de acordo com as escalas de intervenção ou análise, podendo domínios temáticos próximos ter efeitos variados entre as escalas local e global.

Em simultâneo, as atividades associáveis ao turismo, não cessam de se revelar de enorme potencial na ocupação do tempo de lazer das populações, na geração de emprego, no impulso à inovação social ou cultural, nas “indústrias” de entretenimento e na promoção de eventos de animação, ou no esforço de reconhecimento e divulgação do território, entre os domínios mais marcantes.

O número de turistas que se desloca à escala mundial, os quilómetros percorridos, as dormidas ou as refeições «consumidas» ou as transferências financeiras envolvidas, entre os aspetos mais visíveis, conferem atualmente ao turismo, apesar da conjuntura de crise, uma enorme expressão com grande visibilidade no mundo atual.

O turismo é ainda, para além do afirmado, uma das formas mais consistentes de relacionar a população com o território, contribuindo para recuperar uma dimensão mais humanizada de um quotidiano sujeito a significativas distorções na fruição do tempo ou do espaço. Simultaneamente, o turismo, permite conferir maior expressão às tentativas de conservar as características mais originais das diferentes áreas de um país ou contribuir para a revitalização e requalificação de outras áreas cujas principais qualidades perderam fulgor e capacidade de atração.

Também, o esbater das fronteiras nacionais, a exemplo do que se verifica com os países da União Europeia, num processo basilar na construção europeia, tem projetado novas perspetivas para o turismo no continente europeu e no mundo. A facilitação das deslocações de turistas, apesar da inquietação que possam gerar o terrorismo ou os movimentos de refugiados, confere ao turismo um papel essencial na construção do mundo contemporâneo.

As deslocações de turistas também por reação à homogeneização cultural tem constituído um forte estímulo à definição da moldura identitária contribuindo para salientar a «diversidade» dos destinos turísticos. Esta diversidade particularmente significativa entre as regiões da União Europeia e, de forma geral, da Europa, assim como o contraponto entre os principais destinos mundiais, tem encontrado

no turismo o suporte para reforçar a capacidade de diferenciação entre territórios.

Por esta razão, o turismo sustenta, ao mesmo tempo, o direito e o dever em conferir destaque à diversidade. Tanto as populações autóctones como os visitantes serão parte interessada e pugnarão pela conservação das diferentes dimensões do património entre o natural e humano. Reagindo à uniformização massificante das áreas de turismo que a mundialização dos processos construtivos, de urbanização ou do ordenamento acarretam, preservando o legado patrimonial a transmitir a gerações futuras, o turismo contribui, simultaneamente, para inverter o processo de degradação a que alguns espaços tem estado sujeitos pela ação continuada do homem.

O turismo é, também, associável a uma forte componente formativa que detém desde os primórdios, no século XIX. A grande diferença entre o turismo de hoje e aquele de décadas anteriores residirá, porventura, no facto de atualmente contribuir, de modo imperativo, para a formação das populações hospedeiras e não apenas daqueles que viajam, constituindo, assim, tanto um indicador de qualidade de vida dos visitantes como das populações das áreas visitadas.

1.3. Turismo, território e geografia

Os estudos sobre turismo incidem sobre diferentes subdomínios temáticos crescentemente especializados. Entre as questões do desenvolvimento e os perfis de formação existe um número muito diversificado de perspetivas de estudo, constituindo a sustentabilidade um subdomínio obrigatório nos últimos anos. De qualquer forma, perseguindo óticas mais operativas, o turismo surge frequentemente relacionado com a transferência de riqueza, entre países ou regiões, os movimentos de turistas e a criação de emprego. Instituições internacionais como a Organização Mundial do Turismo ou o Conselho Mundial de Viagens e Turismo dedicam uma muito particular atenção a estas dimensões da atividade turística.

A panóplia de problemas relacionados com o turismo, todavia, tem alimentado algum debate entre a especialização a partir de diferentes domínios científicos, como o estudo do turismo na Geografia, na Sociologia ou na Economia, ou a inevitabilidade da formação de um domínio científico específico sobre estudos turísticos ou “turismologia”. Uma outra frente de debate passa pelas visões de base teórica, justificando a investigação científica dos temas de turismo, ou de base profissionalizante, especialmente próxima das profissões do turismo. Desde as agências de viagem à hospitalidade, incluindo a altamente especializada formação em gastronomia e cozinha, baseada nas escolas de hotelaria, com um longo percurso desde as últimas décadas do século XIX, com especial destaque

para as escolas Suíças, encontra-se um diversificado leque de perfis de formação profissional que tornam supletivas visões e trabalhos de dominante teórica em turismo.

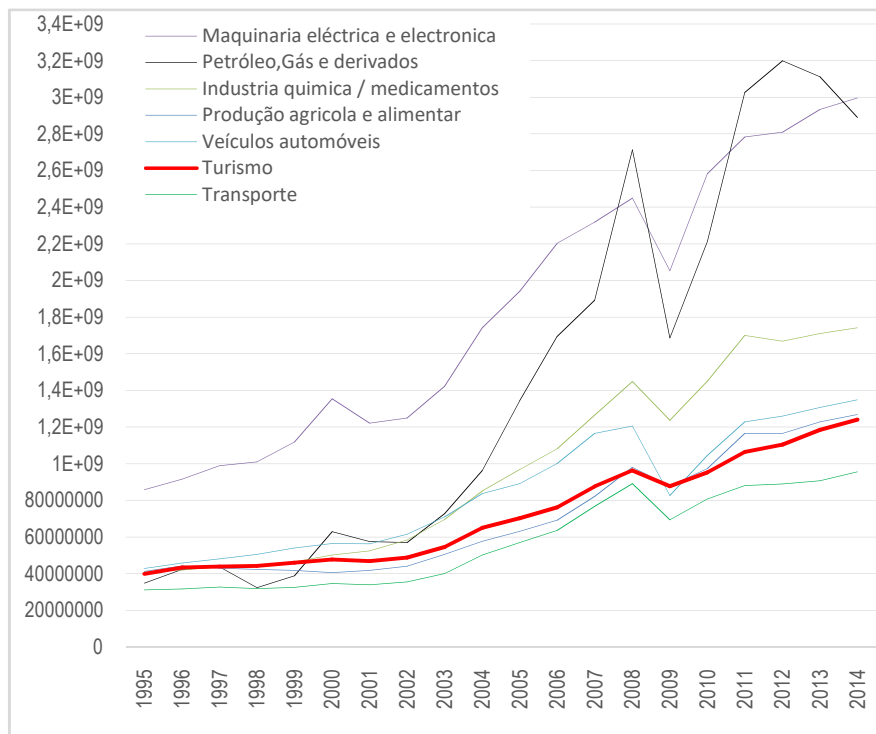
Nos últimos anos o significativo crescimento do turismo para destinos mais frágeis tem permitido ainda o aumento dos estudos que visam antes demais a melhoria das condições de receção de visitantes. A identificação dos recursos naturais e humanos mobilizáveis na atração de visitantes passou a surgir como uma orientação para os estudos realizados tanto numa vertente mais teórica como aplicada. A proteção dos destinos turísticos, o debate sobre a capacidade de carga dos territórios de turismo e o papel do turismo no desenvolvimento regional e local, têm deste modo surgido como temas essenciais na Geografia.

Países onde o turismo adquire um evidente e significativo destaque, como Portugal, reúnem assim condições para que o tema constitua um domínio relevante de investigação. O facto de muitos dos principais mercados turísticos constituírem igualmente importantes destinos, a exemplo da França, confere ainda maior visibilidade aos estudos sobre turismo permitindo à Geografia consolidar tanto um quadro teórico como uma capacidade operativa muito relevantes.

1.4. Dimensão e crescimento no turismo

A avaliação do peso do turismo permite concluir da importância adquirida na economia global tanto na transferência de riqueza como na criação de emprego direto ou induzido. De qualquer forma, e de acordo com os dados da United Nations Conference on Trade and Development, o peso do turismo ainda que em aumento como a maioria dos grandes grupos do comércio mundial (figura 1) é significativamente inferior ao dos combustíveis, da maquinaria eléctrica e electrónica ou da indústria química.

Figura 1. Comércio mundial por produtos (importações em milhares de dolares)



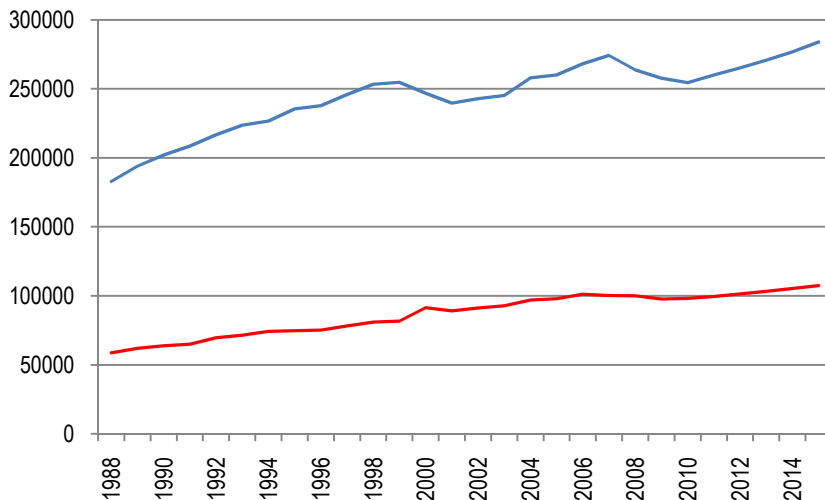
Fonte: United Nations Conference on Trade and Development. url: unctadstat.unctad.org

A linha que representa a evolução do turismo evidencia, no entanto, particularidades que importa ressaltar. Em comparação com os demais grupos representados, a descida que afectou o comércio mundial foi bem menos significativa na área do turismo do que nos restantes grupos. Atendendo ao ritmo de crescimento posterior a 2000 apenas os combustíveis apresentam maiores aumentos do que o turismo muito em particular depois de 2008. Com base nos dados disponíveis parece evidente que os gastos com turismo não só cresceram neste século mais do que a maioria dos grupos de produtos representados como suportaram melhor a crise de 2008 do que outros domínios de negócio. Os consumidores parecem menos disponíveis para diminuir os gastos com o turismo do que relativamente aos demais grupos.

Relativamente ao emprego o crescimento foi significativo até final do século e mais lento com oscilações nos anos seguintes, tendo sido registadas diminuições

em 2001 e 2009 (figura 2). O emprego total esteve particularmente exposto às consequências dos acontecimentos que marcaram o início do milénio com particular destaque para os efeitos do 11 de setembro e da crise económica internacional.

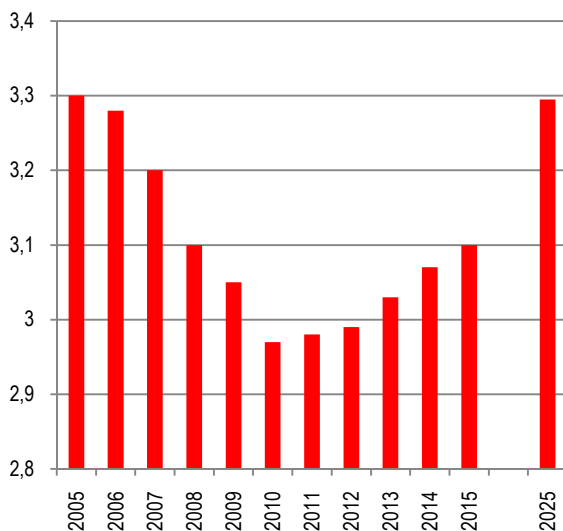
Figura 2. Emprego directo e emprego total em viagens e turismo (milhares)



Fonte: World travel & tourism council, 2015

De acordo com o WTTC (World travel & tourism council) em 2014 o “contributo directo” das viagens e turismo para a economia mundial, através do produto interno e do emprego, estava situado nos 3,1 % e 3,6%, enquanto o “contributo total” nos 9,8% e 9,4%, respectivamente. Estes valores oscilaram ligeiramente ao longo da última década, tendo atingido o mínimo em 2010, na sequência de diminuições registadas desde meados da década.

Figura 3. Contribuição “directa” das viagens e turismo para o PIB em % da economia global (WTTC) e previsão para 2025



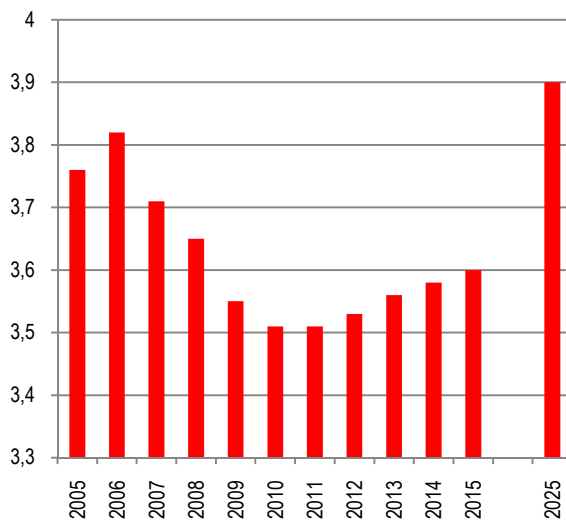
Fonte: Direct Contribution of Travel & Tourism to GDP, 2015, World travel & tourism council

Os valores ao longo da última década registaram mínimos em 2010 e recuperaram ainda que lentamente entre 2011 e 2015, tanto no peso do PIB como do emprego tendo como referência os dados disponibilizados pelo Banco Mundial, pelo Conselho Mundial de Viagens e Turismo ou pela Organização Mundial de Turismo.

Em Portugal as viagens e o turismo, segundo a WTTC, tiveram em 2014 um peso directo no PIB de 6% e um peso total de 15,7%. Relativamente ao contributo no emprego directo e total as percentagens foram respectivamente 7,4% (337000) e 18,4% (831500). Desde os anos sessenta do século passado as actividades de turismo constituíram um dos principais domínios de financiamento superando as exportações de vestuário e calçado e ultrapassando neste período as remessas de emigrantes.

A questão da dimensão do turismo e dos valores que o exprimem, constituem por norma domínios incontornáveis dos estudos técnicos e de natureza científica realizados. Sem dúvida encerram uma justificação importante para o relevo atribuído ao turismo nomeadamente na formação académica, através das múltiplas especificidades que essa dimensão poderá encerrar.

Figura 4. Contribuição “directa” das viagens e turismo para o emprego em % do emprego global (WTTC) e previsão para 2025



Fonte: Direct Contribution of Travel & Tourism to employment, 2015, WTTC

1.5. O turismo na Geografia – a moldura disciplinar²

As principais razões que, actualmente, sustentam o interesse da Geografia pelo Turismo, deverão ser procuradas indubitavelmente no seio da Geografia, porventura na relação da Geografia com as grandes questões do mundo actual, essencialmente numa faceta utilitária, e ainda em algumas motivações exteriores que poderão igualmente partilhar da mesma convergência de interesses face ao papel do turismo no mundo actual.

A maior importância que tem sido atribuída ao papel do humanismo, face às oscilações epistemológicas na Geografia, enquanto referência nos trabalhos mais recentes firma algumas das principais tendências verificadas. Escapar aos comportamentos esperados decorrentes da aplicação de modelos sociais ou espaciais, levanta questões incontornáveis e não exclusivamente numa perspectiva académica, como a definição de um corpo conceptual consubstanciado na

² O texto retoma o debate inscrito no ponto II do programa de «GEOGRAFIA DO TURISMO», FLUP, Dez. de 1994.

Geografia neopositivista. Ainda que alicerçada num sólido quadro teórico, detendo uma significativa importância científica, e tendo sido «responsável» pela formação das gerações mais recentes de geógrafos, nomeadamente técnicos com atividade desenvolvida no ordenamento do território, a «Análise Espacial», reduziu até níveis inaceitáveis o papel do homem e o significado do processo histórico na compreensão e explicação dos fenómenos. Ora, através de algumas vertentes estudadas pela Geografia do Turismo torna-se possível referenciar múltiplos aspetos onde a intervenção Humana, condicionado por variadíssimas razões nomeadamente de natureza histórica constitui um elemento fundamental de compreensão do processo evolutivo dos fenómenos em presença.

Um importante aspecto a considerar refere-se à abertura a novos ou renovados campos de investigação perante a dificuldade ou mesmo impossibilidade de registar avanços significativos através das abordagens anteriores mais comumente empregues, o que poderá decorrer nomeadamente de uma maior flexibilidade científica, conceptual e metodológica. Alguns aspetos merecedores de destaque numa disciplina de Geografia do Turismo, a exemplo do estudo dos padrões de comportamento espacial de potenciais visitantes, poderão contribuir para uma clara ascensão da individualidade perante perspetivas antes enunciadas, num contraponto com a uniformidade e massificação.

Os excessos tecnocráticos e utilitaristas tem igualmente caracterizado a ligação entre a Geografia e o turismo em anos recentes. No âmbito da Geografia do Turismo poderão existir mecanismos que permitam contrariar o unanimismo tecnocrático e utilitarista particularmente em voga em Portugal no final da década de oitenta início da de noventa. Ainda que uma parte da importância do turismo hoje possa advir da sua «descoberta» pelos fazedores de planos – planos de ordenamento das áreas costeiras, planos regionais de ordenamento, levantamentos das potencialidades turísticas – o «encontro» do turismo passa amiúde pelas recentes preocupações com as periferias, sendo atribuído ao turismo um papel que muito dificilmente poderá desempenhar de forma cabal: o salvamento da base económica das áreas em crise. Ora pretende-se que esta abordagem à Geografia do Turismo, ainda que contemplando perspetivas de natureza económica ou outras com um mais acentuado cunho utilitarista, esteja igualmente vocacionada a tratar outras valências igualmente fundamentais para um efetivo conhecimento do território, que por exemplo a estatística individualmente não poderá proporcionar por mais sofisticadas que sejam as técnicas empregues.

1.6. Referências teóricas e Geografia do turismo

A intensificação dos estudos sobre o turismo remonta pelo menos à década de

sessenta do século XX, tendo sido desenvolvida durante algo mais de cinquenta anos uma vasta bibliografia contemplando uma grande diversidade de temas e perspectivas de abordagem, o que de qualquer modo não obvia a que os autores de muitos dos trabalhos continuem a reafirmar a importância do turismo e do seu estudo, sintoma evidente de que não terá ainda atingido um pleno desenvolvimento perante o estado atual de conhecimento.

Assim, do leque de trabalhos produzidos, da insistência do tratamento de certas matérias em detrimento de outras, da relevância de novos temas, bem como da respetiva oportunidade, a Geografia do Turismo tem discutido as questões de natureza científica e do senso comum, a partir de debates centrados tanto em matérias actuais como passadas, tendo como referência primeira a pertinência que possam deter no contexto contemporâneo. Diversos temas apesar de terem perdido alguma atualidade mantêm o interesse suficiente sobretudo numa perspectiva académica, não só pelo seu significado no momento em que foram elaboradas como do contributo para a formação das gerações seguintes. Por exemplo, o estudo do alojamento, da alimentação ou da animação, bem como os efeitos sobre as áreas de destino, encontram-se desde muito cedo no centro das atenções dos investigadores e mantêm total actualidade pelo peso que continuam a deter.

Assim, para enquadrar o pensamento atual e futuro, em domínios nos quais o contributo da Geografia do Turismo para a compreensão do mundo em que vivemos surja refletido com nitidez, importa continuar a aprofundar os estudos que permitam conhecer e explicar em que medida o turismo desempenhou um papel relevante na organização espacial de muitas áreas, nomeadamente da Europa, devendo continuar a deter um peso significativo no processo de desenvolvimento tanto local como regional, bem como no ordenamento do território, igualmente, a diferentes escalas.

Pretende-se ainda que a Geografia do Turismo possa contribuir para reforçar a espessura metodológica deste subdomínio, discutindo o significado e a utilidade da aplicação de dados qualitativos e quantitativos, aplicando técnicas específicas e questionando, simultaneamente, os limites dessa utilização na procura de elementos mais sólidos sobre as potencialidades da Geografia quando trata o fenómeno turístico enquanto objecto de estudo e, eventualmente, sobre a definição de tendências de evolução deste subdomínio científico.

Os estudos que versam o turismo incidiram em diferentes aspetos de entre os quais merecem saliência: (i) a preocupação com a diferenciação regional, (ii) a procura de critérios para dimensionar o fenómeno turístico essencialmente nas áreas recetoras e (iii) a extensão de perspectivas de outros ramos da Geografia,

com uma mais longa evolução a exemplo das Geografias Urbana ou Cultural, para a abordagem do turismo. Estes três aspetos estão, por exemplo, contemplados na obra de Louis BURNET *Villégiature et Tourisme*, publicada em 1963, onde é feita referência às divisões das costas francesas em *Zones Balnéaires*, através de critérios de natureza climatológica; ao papel do inquérito no conhecimento das populações que se deslocam em férias, às variações no consumo de pão e de leite em diferentes *estações* termais ou à capacidade de alojamento hoteleiro e familiar; ou a transposição do estudo dos problemas urbanos para as estações balneares em crescimento, do estudo da herança patrimonial ou da tradição na definição da identidade local ou regional.

Os estudos de Geografia do Turismo mergulham igualmente na possibilidade em criar critérios de comparação a exemplo da taxa de «função turística», aplicada em 1955 por Pierre DEFERT no seu *Structure économique et localisation dans les régions touristiques*, a várias regiões europeias. Esta abordagem decorre igualmente da importância do conhecimento da dimensão das áreas turísticas em especial no domínio do alojamento, ao que acresce a alimentação, o transporte e a animação, formando no seu conjunto a estrutura basilar de conhecimento e de caracterização do turismo.

Mas, ainda que as perspectivas referidas continuem a deter significativa importância, torna-se necessário complementá-las com outras leituras assentes conceitos mais recentes que eventualmente poderão reforçar a validade de trabalhos antes desenvolvidos, como a introdução de dimensões subjectivas ou o apelo da sustentabilidade. Para além disso, é fundamental acrescentar perspectivas que introduziram novidade como o tratamento do ordenamento do território de que constituem bons exemplos os trabalhos de Micheline CASSOUMOUNAT ou de Carminda CAVACO.

Autores como Christaller, Plog, Gormenson ou Butler, criaram igualmente capítulos de grande espessura teórica e alcance operativo na actual Geografia do Turismo. Os modelos de expansão dos espaços turísticos e os modelos de desenvolvimento do turismo, a par da definição de limiares de carga nos territórios de turismo, têm permitido alicerçar os estudos de Geografia do Turismo num corpo teórico especialmente consistente com repercursões evidentes no modo como a Geografia tem abordado o tema.

O conhecimento de um espaço turístico estará incompleto, contudo, se não forem desenvolvidos trabalhos onde o sentido evolutivo seja perspectivado de tal forma que seja possível identificar os processos e os agentes que neles intervieram e intervêm, tentando simultaneamente pôr em evidência estratégias individuais ou de grupo enquanto componentes fundamentais à compreensão da génese e das

dinâmicas dos fenómenos, sem que esse esforço deva constituir um fim em si mesmo.

O aumento do papel interventor do Estado, nomeadamente através da definição de políticas globais e sectoriais que afetam de forma decisiva o turismo e o projetam enquanto contributo para o desenvolvimento, o agudizar de problemas decorrentes da massificação na tentativa de requalificar os territórios, as novas orientações dos interesses de visitantes e investidores para o natural e o interior, de uma maneira ampla para os territórios periféricos ditos de «baixa densidade», tentando proporcionar mudanças e procurar emoções contrastantes com um quotidiano repetitivo e previsível, constituem perspectivas fundamentais aos estudos do turismo passíveis de implementação.

Finalmente, importa fazer referência à importância que deverá ser atribuída a outras valências científicas, ou saberes, na medida em que possam contribuir para o aprofundar da Geografia do Turismo. Aspectos tão decisivos como os estudados pela psicologia, sociologia, história, economia ou «marketing», entre os mais significativos, constituem elementos fundamentais para a compreensão atual da globalidade do fenómeno turístico.

2. Geografia do Turismo – aspectos introdutórios

O estudo do turismo pela Geografia adquiriu expressão depois dos anos sessenta do século XX, incidindo especialmente nas transformações do território, nas actividades turísticas e nos movimentos de turistas. Temas como o desenvolvimento sustentável, a capacidade de carga do território ou o emprego, têm igualmente integrado o leque de temáticas objecto de estudo pela Geografia.

Apesar desta variedade de temáticas que incidem em perspectivas muito amplas e diversificadas, a preocupação com a definição de turismo como ponto de partida dos estudos de turismo para além de continuar a encontrar justificação para o balizamento do objecto de estudo, permite enquadrar as grandes linhas das temáticas enunciadas. O facto de diferentes domínios científicos estudarem o turismo sem um conhecimento aprofundado dos respectivos objectivos justifica igualmente o esforço em tentar definir turismo.

2. 1. Definir Turismo

As definições mais consensuais de turismo são propostas por instituições como a Organização Mundial de Turismo, o Eurostats ou a OCDE e visam clarificar para fins estatísticos a noção de turismo. A OMT (WTO) publicou em 2008³ um conjunto de recomendações para harmonizar as estatísticas do turismo dando

³ International Recommendations for Tourism Statistics. 2008.

particular ênfase aos fluxos de turistas através de diferentes “formas de turismo” como o turismo “receptivo” e de “saída” ou seja as entradas e as saídas de turistas num qualquer país. O turismo é apresentado em 2008 como uma sobreposição de camadas de natureza social, cultural e económica. O movimento para lugares de turismo confere ao território uma dimensão implícita incontornável sobretudo quando a saída da residência constitui uma componente basilar da definição de turismo.

«Tourism is a social, cultural and economic phenomenon related to the movement of people to places outside their usual place of residence pleasure being the usual motivation» (UNTWO, 2008, p. 1). [O turismo é um fenómeno social, cultural e económico, relacionado com o movimento de pessoas para fora do lugar de residência habitual por motivos de prazer.]

A definição proposta pelo Gabinete de Estatísticas da UE aponta no mesmo sentido ainda que introduza a dimensão temporal – por um período inferior a um ano – e amplie os motivos da visita que podem, neste contexto, incluir o negócio.

«Tourism means the activity of visitors taking a trip to a main destination outside their usual environment, for less than a year, for any main purpose, including business, leisure or other personal purpose, other than to be employed by a resident entity in the place visited.» [O turismo significa a actividade dos visitantes que realizam uma viagem para um destino exterior ao ambiente usual, por menos de um ano, por qualquer propósito, incluindo o negócio, lazer ou outro propósito pessoal, que não inclua ser empregado por uma entidade residente no lugar visitado] url: <http://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php/Glossary:Tourism>

As definições de matriz académica tentam abarcar o conjunto de actividades associadas ao turismo ainda que, compreensivelmente, imprimam uma visão quanto possível ajustada às diferentes áreas disciplinares dos investigadores. No geral são abrangentes e tentam reflectir tanto a diversidade das actividades de turismo como, mais recentemente, caracterizar a experiência da viagem.

Em 1942, durante a 2ª Grande Guerra, os economistas e investigadores suíços Walter Hunziker e Kart Krapf definiram turismo como sendo:

«the sum of relations and phenomena resulting from the travel and stay of people outside their usual place of residence, provided that these travels and experiences are not used for the practice of a main lucrative activity, permanent or temporary» (in Burkart e Medlik, 1981) [o conjunto de relações e fenómenos que se produzem em consequência da deslocação e estadia por um período de tempo de pessoas fora do seu lugar de residência, desde que não leve à residência permanente e não esteja relacionado com actividades lucrativas permanentes ou

temporárias].

Já Burkart e Medlik nos anos setenta avançaram com uma definição focada na relação entre as actividades e os turistas:

«tourism is deemed to include any activity concerned with the temporary short-term movement of people to destinations outside the places where they normally live and work, and their activities during the stay at these destinations» (Burkart e Medlik, 1981) [considera-se que o turismo inclui qualquer actividade relacionada com o movimento de curto prazo de pessoas para destinos exteriores aos lugares onde normalmente vivem e trabalham, bem como as respectivas actividades durante a estadia nestes destinos].

Assim, uma definição de turismo mais operativa, ou seja, essencialmente focada na recolha estatística, tem constituído parte importante do esforço desenvolvido. Outras definições, mais abrangentes, têm evoluído do turista – aquele que viaja por prazer – para as actividades relacionadas com o turismo, para a capacidade de transformação do território e para o contributo na identificação de questões do património ambiental ou cultural.

Referencias bibliográficas:

BONIFACE, Brian G.; COOPER, Christopher P. – *The Geography of travel & tourism*, London, Heinemann, 1987.

BURNET, Louis – *Villégiature et Tourisme sur les côtes de France*. Bibliothèque des Guides Bleus, Librairie Hachette, Paris, 1963.

BURKART, A. J.; MEDLIK, S. – *Tourism - past, present and future*, 2ª ed., London, Heinemann, 1981.

BUTLER, R.W. – *The concept of a tourist area cycle of evolution: implications for management of resources*, CANADIAN GEOGRAPHER, IV, 1, 1980.

BUTTNER, Anne – *Geography, Humanism, and Global Concern*, «Annals of the Association of American Geographers», nº 80 (1), 1990, pp. 1-33.

CALHEIROS, Francisco de – *Turismo de Habitação: sucesso da oferta turística portuguesa*, in «III Congresso Nacional de Turismo», Póvoa de Varzim, 1986, pp. 235-237.

CASSOU-MOUNAT, Micheline – *L'urbanisation de la ligne de rivage*, in «Tourisme et Consommation des Espaces Littoraux», Bordeaux, CESURB, s.d..

CAVACO, Carminda – *Geografia e turismo: exemplos, problemas e reflexões*, «Finisterra», Lisboa, Vol. V, nº. 10, C.E.G., 1970, pp. 247 - 282.

CAVACO, Carminda – *O turismo em Portugal, aspectos evolutivos e espaciais*, «Estudos Italianos em Portugal», Lisboa, nºs 40-41-42, 1980.

CAZES, Georges – *Le développement des sports d'hiver Pyrénées*, «Revue

- géographique des pyrénées et du sud-ouest», Toulouse, vol. XXXVI, 1965.
- CAZES, Georges – *Le tourisme international, mirage ou stratégie d'avenir?*, Paris, Hatier, 1989.
- CHRISTALLER, W. – *Some considerations of tourism location in Europe: The peripheral regions - under developed countries - recreation areas*, Papers in Regional Science, XII, Lund Congress, pp. 95-105.
- CRAVIDÃO, Fernanda Delgado; CUNHA, Lúcio – *Turismo, investimento e impacto ambiental*, «Cadernos de Geografia», Coimbra, Instituto de Estudos Geográficos, n° 10, 1991, pp. 199-220.
- DACHARRY, Monique – *Tourisme et transport en Méditerranée occidentale*, Paris, P.U.F., 1964.
- DUMAZEDIER, Joffre – *Vers une civilisation du loisir?*, Paris, Seuil, 1962.
- FERRO, António – *Turismo, fonte de riqueza e de poesia*, Lisboa, Edições do SNI, 1949.
- FUSTER, Luis Fernandez – *Teoria y tecnica del turismo*, 4ª ed., Madrid, Editora Nacional, 1974.
- GAMA, António – *Notas para uma geografia do tempo-livre*, «Cadernos de Geografia», Coimbra, Instituto de Estudos Geográficos, n° 7, 1988, pp. 203-217.
- GOMEZ, Alberto Luis – *Aproximación histórica al estudio de la Geografía del ocio. Guía introductoria*, Barcelona, Anthropos, 1988.
- HARVEY, David – *Between space and time: reflections on the geographical imagination*, «Annals of the Association of American Geographers», n° 80 (3), 1990, pp. 418-434.
- HODGSON, Adèle (ed.) – *The travel and tourism industry, strategies for the future*, Oxford, Pergamon Press, 1988.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA – *Estatísticas do turismo*, 1969, ... , 2014.
- KADT, Emanuel de – *Tourisme - Passeport pour le développement?*, Washington, UNESCO, 1979.
- KALAORA, B. – *Le génie d'un lieu. Etude de deux cas: la forêt d'Orléans et la forêt de Fontainebleau*, «Norois», Poitiers, n° 120, 1983, pp. 583-590.
- LANFANT, Marie-Françoise – *Les théories du Loisir*, «Collection SUP», Paris, PUF, 1972
- LANQUAR, Robert – *Le tourisme international*, 4ª ed., Paris, col. «Que sais-je?», n° 1694, Presses Universitaires de France, 1989.
- LAVAUUR, Luis – *Glosario historico del termino turismo*, «Estudios Turisticos», Madrid, N° 15, Jul-Set, 1967, pp. 33-83
- LOZATO, Jean-Piere – *Géographie du tourisme*, Paris, Masson, 1985.
- MARDEN, Peter – *The deconstructionist tendencies of postmodern geographies: a compelling logic?*, «Progress in Human Geography», vol 16, n° 1, Edward

- Arnold, Mar 1992, pp. 41-57.
- MARTINS, Luís – *Lazer, férias e turismo na organização do espaço no Noroeste de Portugal*, Porto, 1993.
- OCDE – *Politique du tourisme et tourisme international dans les pays membres de l'OCDE*, Paris, OCDE, 1989.
- OLIVEIRA, J. M. Pereira de – *Património ao serviço do turismo*, «Cadernos de Geografia», Coimbra, nº 11, Instituto de Estudos Geográficos, 1992, pp. 87-92.
- ORTIGÃO, Ramalho – *As praias de Portugal - Guia do banhista e do viajante*, Porto, Livraria Universal, 1876.
- ORTIGÃO, Ramalho – *Banhos de Caldas e Águas minerais*, Porto, Livraria Universal, 1875.
- PEARCE, Douglas – *Tourist organizations*, Harlow e New York, Longman, 1992.
- PINA, Paulo – *Portugal, o turismo no século XX*, Lisboa, Lucidus, 1988.
- PORTUGAL. Plano Estratégico Nacional de Turismo, Lisboa, 2006.
- UNTWO – *International Recommendations for Tourism Statistics*, Madrid, Department of Economic and Social Affairs Statistics Division, 2008, 139p.. [url: <http://unstats.un.org/unsd/trade/IRTS/IRTS2008unedited.pdf>]
- WACKERMANN, Gabriel – *Le tourisme international*, Paris, Armand Colin, 1988.
- WILLIAMS, Allan M.; SHAW, Gareth (editores) – *Tourism and economic development, western european experiences*, London, Pinter Publishers Limited, 1988.